

## Representatividade Indígena nos cursos de Licenciatura em Teatro

Entrevista com Eliana Silva Santos Pataxó e  
Edimar Srenokra Xerente

Concedida a Ana Carolina Fialho de Abreu e  
Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

Para citar este artigo:

PATAXÓ, Eliana Silva Santos; XERENTE, Edimar Srenokra; ABREU, Ana Carolina Fialho de; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. Representatividade Indígena nos cursos de Licenciatura em Teatro. [Entrevista concedida a Ana Carolina Fialho de Abreu e Juliano Casimiro de Camargo Sampaio]. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.1, n.43, abr. 2022.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101432022e0502>



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



## Representatividade Indígena nos cursos de Licenciatura em Teatro<sup>1</sup>

Entrevista com Eliana Silva Santos Pataxó e Edimar Srenokra Xerente<sup>2</sup>

Concedida a Ana Carolina Fialho de Abreu<sup>3</sup> e  
Juliano Casimiro de Camargo Sampaio<sup>4</sup>

### Resumo

Nesta entrevista, realizada durante o Seminário Internacional de Pedagogias Teatrais e Povos Indígenas: descolonizando a formação da pessoa artista-docente pesquisadora, a licenciada em Teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Eliana Silva Santos Pataxó e o licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Edimar Srenokra Xerente, ao lado das orientadoras de seus Trabalhos de Conclusão de Curso, Maria Aparecida de Souza (UESB) e Karylleila Andrade (UFT) comentam as vivências nas suas comunidades, as dificuldades para entrar e permanecer na universidade, as relações com os currículos e disciplinas dos cursos, as intervenções artísticas e pedagógicas realizadas durante o período de graduação e ao final, o retorno para a comunidade e a continuidade dos estudos. Em maio de 2021, diante da crise sanitária ocasionada pelo novo coronavírus (COVID-19), a entrevista foi realizada através de uma chamada de vídeo.

**Palavras-chave:** Representatividade Indígena. Licenciatura em Teatro. Pataxó. Xerente.

---

<sup>1</sup> Esta entrevista foi realizada durante o Seminário Internacional de Pedagogias Teatrais e Povos Indígenas: descolonizando a formação da pessoa artista-docente pesquisadora, no dia 24 de maio de 2021, às 20 horas, através da plataforma virtual Google Meet e disponibilizada através do link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=tsuATzuV68U>

<sup>2</sup> Eliana Silva Santos Pataxó é licenciada em Teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Edimar Srenokra Xerente é licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

<sup>3</sup> Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com cotutela em Antropologia pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos/Peru. Mestrado em Artes Cênicas (UFBA). Bacharel em Direção Teatral e Interpretação (UFOP)., Licenciada em Teatro (Mozarteum). Professora Substituta no curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). [anacarolinaabreu1886@gmail.com](mailto:anacarolinaabreu1886@gmail.com)

 <http://lattes.cnpq.br/5819844630801911>

 <http://orcid.org/0000-0002-5881-4061>

<sup>4</sup> Pós-Doutorado em Educação. Doutor e Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciado em Teatro (Mozarteum). Professor Associado da Licenciatura em Teatro e da Pós-Graduação em Letras (UFT). [juliano.casimiro@uft.edu.br](mailto:juliano.casimiro@uft.edu.br)

 <http://lattes.cnpq.br/3311297887691146>

 <https://orcid.org/0000-0002-8952-1368>



## Indigenous Representativeness in Theater Degree courses

### Abstract

In this interview, carried out during the International Seminar on Theatrical Pedagogies and Indigenous Peoples: decolonizing the formation of the artist-teacher-research person, the graduate in Theater from the State University of Southwest Bahia (UESB), Eliana Silva Santos Pataxó and the graduate in Theater from Federal University of Tocantins (UFT), Edmar Srenokra Xerente, alongside the supervisors of their Course Completion Works, Maria Aparecida de Souza (UESB) and Karylleila Andrade (UFT) comment on the experiences in their communities, the difficulties to enter and remain in the university, the relationships with the curricula and subjects of the courses, the artistic and pedagogical interventions carried out during the graduation period and at the end, the return to the community and the continuity of the studies. In May 2021, given the health crisis caused by the new coronavirus (COVID-19), the interview was conducted through a video call.

**Keywords:** Indigenous Representation. Degree in Theater. Pataxó. Xerente.

## Representatividad Indígena en las Carreras de Teatro

### Resumen

En esta entrevista, realizada durante el Seminario Internacional sobre Pedagogías Teatrales y Pueblos Indígenas: descolonizando la formación del artista-docente-investigador, la licenciada en Teatro de la Universidad Estadual del Sudoeste de Bahia (UESB), Eliana Silva Santos Pataxó y el licenciado en Teatro de la Universidad Federal de Tocantins (UFT), Edmar Srenokra Xerente, junto a las supervisoras de sus Trabajos de Finalización de Curso, Maria Aparecida de Souza (UESB) y Karylleila Andrade (UFT) comentan las vivencias en sus comunidades, las dificultades para ingresar y permanecer en la universidad, las relaciones con los currículos y materias de los cursos, las intervenciones artísticas y pedagógicas realizadas durante el período de graduación y al final, el retorno a la comunidad y la continuidad de los estudios. En mayo de 2021, dada la crisis sanitaria provocada por el nuevo coronavirus (COVID-19), la entrevista se realizó a través de una videollamada.

**Palabras clave:** Representación Indígena. Licenciatura en Teatro. Pataxó. Xerente.

Figura 1- Cartaz de divulgação do Seminário Pedagogias Teatrais e Povos Indígenas<sup>5</sup>

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS E UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
 REALIZAM:**



## **SEMINÁRIO INTERNACIONAL- 2021 PEDAGOGIAS TEATRAIS E POVOS INDÍGENAS DESCOLONIZANDO A FORMAÇÃO DA PESSOA ARTISTA-DOCENTE-PESQUISADORA**



Local: Plataforma Virtual Google Meet

Link de Acesso:

<http://meet.google.com/hpd-yncd-max>



**24 E 31 DE MAIO**

**7 E 14 DE JUNHO**

**SEGUNDAS-FEIRAS**

**20 HORAS/HORÁRIO DE BRASÍLIA**

Apoio:

**FaEB**  
 FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL

COORDENAÇÃO GERAL: ANA CAROLINA FIALHO DE ABREU (UESB)  
 JULIANO CASIMIRO DE CAMARGO SAMPAIO (UFT)  
 COLABORAÇÃO: PEDRO ALBUQUERQUE (UESB)

<sup>5</sup> A arte do cartaz e as fotografias que aparecem neste material foram produzidas por Ana Carolina Fialho de Abreu. As fotografias foram feitas durante as pesquisas de campo no período de doutoramento. A primeira foto em 2018 no *amjikín* (ritual) *Pàrti* ou *Ját jō pĩ* (Festa da Batata) na aldeia Manoel Alves Pequeno, comunidade indígena Krahô, Tocantins, Brasil; a segunda em 2017 na Festa em Honra a Virgem Carmem, na cidade de Paucartambo, Peru e a terceira em 2016 na *Sequia Tusuy* (Festa da Água), nos *ayllus* de Puquio, região de Ayacucho, Peru.



Figura 2- Cartaz de divulgação da programação do Seminário Pedagogias Teatrais e Povos Indígenas<sup>6</sup>

**24 DE MAIO- 2021 (segunda-feira, 20 horas) 1**

## **REPRESENTATIVIDADE INDÍGENA NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM TEATRO**

Edmar Srenokra Xerente (UFT)/Orientadora: Karylleila Andrade; Eliana Silva Santos Pataxó (UESB)/Orientadora: Maria Aparecida de Souza.

Mediação: Mariana Caroline, Iuri Nascimento Souza (UESB) e Fabrício Ferreira Carvalho (UFT).

**31 DE MAIO- 2021 (segunda-feira, 20 horas) 2**

## **CONTRA-COLONIALISMOS NO TRABALHO PEDAGÓGICO DO GRUPO CULTURAL YUYACHKANI E A FESTIVIDADE DE PAUCARTAMBO**

Ana Julia Marko e Paola Lopes Zamariola.

Mediação: Mateus William Silva Soares de Sá (Girassol) (UESB) e Thiago Cassiano (UFT).

**7 DE JUNHO- 2021 (segunda-feira, 20 horas) 3**

## **PROPOSTA PEDAGÓGICA SUBVERSIVA, DE(S)COLONIAL, BAILES MURUI-MUINA EM LETÍCIA E AS POSSIBILIDADES DO CORPO EM MOVIMENTO**

Maria Fernanda Sarmiento Bonilla e Daniela Botero Marulanda.

Mediação: Ana Lécia Santos Felipe (UESB) e Márcia Regina Gomes Sommer (UFT).

**14 DE JUNHO- 2021 (segunda-feira, 20 horas) 4**

## **ENTRE *HÀCTI*, *HÔXWA* E *CARÏRE*: CULTURA, LÍNGUA E BRINCADEIRAS KRAHÔ NA SALA DE AULA**

Marta Virgínia de Araújo Batista, Francisco Edviges Albuquerque, Francisco Laécio de Holanda e Ana Carolina Abreu.

Mediação: Paulo Kelvin Matos (UESB) e Roní Lopes Nascimento (UFT).

<sup>6</sup> A arte do cartaz de divulgação da programação foi produzida por Ana Carolina Fialho de Abreu.



Representatividade Indígena nos cursos de Licenciatura em Teatro –  
Eliana Silva Santos Pataxó e Edimar Srenokra Xerente  
Entrevista concedida a Ana Carolina Fialho de Abreu e Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

Figura 3- Cartaz de divulgação da entrevista realizada com Eliana Pataxó e Edimar Srenokra Xerente<sup>7</sup>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS E UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
REALIZAM:

## RODA DE CONVERSA 1



**24 DE MAIO DE 2021, SEGUNDA-FEIRA, 20 HORAS**

**REPRESENTATIVIDADE INDÍGENA NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**Edmar Srenokra Xerente (UFT), Orientadora: Karylleila Andrade**

**Eliana Silva Santos Pataxó (UESB), Orientadora: Maria Aparecida de Souza**

**Mediação: Mariana Caroline, Iuri Nascimento Souza (UESB) e Fabrício Ferreira Carvalho (UFT)**



Local: Plataforma Virtual Google Meet

Link de Acesso: <http://meet.google.com/hpd-yncd-max>

Apoio:

**FaEB**  
FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL

**COORDENAÇÃO GERAL: ANA CAROLINA FIALHO DE ABREU (UESB)**

**JULIANO CASIMIRO DE CAMARGO SAMPAIO (UFT)**

**COLABORAÇÃO: PEDRO ALBUQUERQUE (UESB)**

<sup>7</sup> A arte do cartaz de divulgação da entrevista foi produzida por Ana Carolina Fialho de Abreu. As fotografias foram enviadas por Eliana Pataxó e Edimar Srenokra Xerente.



## Apresentação

**Ana Carolina Abreu** - O Seminário Pedagogias Teatrais e Povos Indígenas: descolonizando a formação da pessoa artista-docente-pesquisadora, está sendo realizado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e conta com o apoio da Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB). Esse encontro está sendo organizado por mim (eu vou me apresentar já... já...) e pelo meu irmão de vida e de outras vidas, o professor Juliano Casimiro de Camargo Sampaio da UFT. A roda de hoje (você viram o nosso cartaz que foi feito com muito carinho) se chama Representatividade Indígena nos cursos de Licenciatura em Teatro. E aí, a gente agradece imensamente a presença e a generosidade de Eliana Silva Santos Pataxó (UESB) (ver figura 4) e a orientadora de seu Trabalho de Conclusão de Curso, Maria Aparecida de Souza (UESB), do Edimar Srenokra Xerente (UFT) (ver figura 5) e da sua orientadora Karylleila Andrade (UFT). Também agradecemos aos mediadores e a mediadora de hoje. A mediação está por conta da estudante Mariana Caroline (UESB), do Iure Nascimento (UESB) e representando a UFT, o licenciado em Teatro, Fabrício Carvalho que com muito carinho e generosidade fizeram a leitura completa das monografias de Eliana e de Edimar e ficaram ao longo da semana pensando em perguntas para realizar para vocês<sup>8</sup>. Começamos então, eu me apresento, eu entro pra essa roda, eu sou Ana Carolina Fialho de Abreu, sou filha do coração de um pai palhaço e de uma mãe que tem descendência indígena, meu apelido é Cataguases e eu estou atuando como professora substituta no curso de Licenciatura em Teatro da UESB. Eu vou puxar pra roda o meu amigo, professor Juliano Sampaio que topou essa aventura, companheiro de muitas aventuras, bem-vindo Juliano. Ao final, desejo uma excelente noite para você que está aqui nesse encontro que tem como objetivo ser ponte e partilha. Em tempos virulentos, violentos e pandêmicos, severinos de outrora e de agora, convidamos

---

<sup>8</sup> Esta atividade faz parte do projeto de pesquisa Pedagogias do Teatro: Culturas e Saberes da Tradição Popular em Sala de Aula, coordenado pela professora Ana Carolina Abreu com a colaboração do professor Juliano Sampaio. Neste sentido, diversos estudantes e egressos da UESB e da UFT foram convidados para mediar as rodas de conversas e participar da atividade pedagógica que antecedeu o Seminário. Tratou-se de realizar a leitura prévia e discussões sobre as monografias e artigos das pessoas convidadas para que as perguntas fossem elaboradas e os estudantes atuassem no seminário não apenas na equipe técnica, mas também como propositores, fazedores de conhecimentos.

você para ser vaga-lume e vagalumear conosco na dança errática e coletiva que começa nesse instante, no acender de nossas câmeras.

Figura 4- Eliana Silva Santos Pataxó<sup>9</sup>



Figura 5- Edimar Srenokra Xerente<sup>10</sup>



<sup>9</sup> Fonte: Eliana Silva Santos Pataxó. Arquivo pessoal de Eliana Pataxó.

<sup>10</sup> Fonte: Edimar Srenokra Xerente. Arquivo pessoal de Edimar Xerente.



**Juliano Sampaio** - Eu sou professor da UFT, no curso de Teatro e na pós em Letras, de Porto Nacional que é uma cidade próxima a Palmas e que Karylleila também está, então somos colegas da graduação, amigos de vida, colegas da pós e é um prazer imenso ter a minha irmã de vida que é a Ana Carolina Abreu nesse projeto que perpassa tanta coisa. A gente organiza uma revista, a gente faz um Seminário, a gente junta pessoas e a gente ouve pessoas que é o que tem dado mais prazer nesses tempos. Puxo para esta roda o estudante Iure Nascimento.

**Iure Nascimento** - Boa noite a todos, todas e todes. Meu nome é Iure Nascimento, sou estudante da UESB, estou no sétimo semestre do curso de Licenciatura em Teatro e **minhas perguntas vão para Eliana Pataxó. Quais foram os desafios encontrados por você ao sair da sua comunidade e entrar na universidade? Existia na época, políticas voltadas para a sua permanência enquanto indígena na universidade?**

**Eliana Pataxó** - Bom, boa noite a todos, eu sou Eliana Pataxó, sou graduada em Teatro pela UESB desde 2016. Creio que na época eu fui a primeira indígena a entrar por cota na UESB, digo pelo choque e estranhamento das pessoas ao saberem que uma indígena ia entrar na UESB. Um dos maiores desafios foi voltar a estudar porque eu tinha parado de estudar há 13 anos e uma irmã que já estava estudando pedagogia na UESB, resolveu me inscrever por cota indígena. Ela não entrou por cota, mas eu sim, foi quando começou a abrir cotas indígenas na UESB, então ela falou: “vou colocar você por cota indígena, pode?”, e eu falei “sim, pode”. Mas eu não tinha ideia do que eu ia enfrentar, do que eu esperava, então, ao chegar na UESB, todos queriam saber quem era a indígena que estava ali. Eu lembro muito bem quando numa aula de Teatro com o professor Roberto Abreu (*in memoriam*), ele me apresentou como indígena e cantou em círculo uma música indígena. Isso pra mim foi muito emocionante, essa receptividade dele e dos colegas de cantar uma música indígena pra me receber. Foi uma surpresa muito grande, porque de certo modo eu não esperava. Mas, em outras salas de aula, as pessoas queriam saber quem era a indígena que ali estava chegando, porque não me viam como indígena, porque eu não estava com nenhum grafismo no corpo e nenhum cocar na cabeça. Cheguei na UESB como qualquer um, com calça jeans, blusa branca e assim estava, porque ser indígena não está nos trajes, não está no meu cocar,



traço no braço, no meu grafismo, está na minha cultura, na minha alma. Então, isso já foi um primeiro choque, “mas você não parece ser índia”. Aí tinha uma colega que tinha mais os traços, vamos supor, os traços físicos indígenas, e aí eu falava para minha colega: “mas eu sou indígena”. Creio que não só pra mim, como pra muitos, o indígena quando chega na universidade, se faz a pergunta: “eu afirmo quem eu sou ou eu nego quem eu sou?”. Esse momento foi de afirmar a minha identidade indígena, então eu falei: “eu sou indígena, eu sou da etnia Pataxó”. Pra mim essa foi uma das primeiras coisas que vieram à tona como indígena porque quando eu saio da minha Aldeia de Coroa Vermelha, sou da Aldeia de Coroa Vermelha, cenário do suposto “Descobrimento do Brasil”, foi um achado. Ali eu convivia com brancos e indígenas, então eu não sentia tanta diferença, mas ao entrar na universidade eu recebi esse choque e tive muita dificuldade em permanecer na universidade pela falta de apoio. Sim, tentei a bolsa do Programa de Assistência Estudantil (PRAE), que foi negada duas vezes, não me aceitaram para ser bolsista e foi com a ajuda da professora Sônia Mattos e de Marina que consegui escrever uma carta para a reitoria para ter a bolsa auxílio, isso foi uma dificuldade. Nós não temos apoio, na minha época eu como indígena não tive apoio logo de começo para permanência, então foi uma luta sim. Eu percebi a necessidade, e senti que na UESB não tinha tanto apoio, tanto didático (na grade curricular), quanto em políticas afirmativas para nós indígenas. Acho que a minha chegada deu uma mexida nessas políticas e com tudo isso, bom, passei pela fase da greve também. Poderia ter desistido como muitos colegas desistiram, então eu falei “não, eu vou ficar até o fim, por todas as dificuldades, por todos os desafios que eu vou passar, eu vou permanecer”. Suportei todas as dificuldades financeiras, foi muito difícil sair da minha aldeia, deixar uma loja que eu tinha, deixar a casa dos meus pais, voltar a estudar, assumir a minha identidade indígena, passar dificuldade sim, não só eu como os colegas também em período de greve. Permaneci, cheguei até o final do curso, graças a deus e aos meus ancestrais que me deram muita força né, de continuar, isso pra mim foi muito importante, ter o apoio de todos os professores. Uma coisa que não esqueço do professor Roberto é que ele falava: “Liu, afirma sua identidade, mostra seu potencial, você é capaz, vai em frente, não desista”, e isso pra mim ficou marcado a vida toda, quando ele falava: “assuma quem você é, mostra sua força”, ficou em mim. E é isso.



Ana Carolina Abreu – Oi Liu, obrigada! Eu vou puxar pra roda, a estudante que me apresentou você.

Eliana Pataxó – Ah, sim (risos).

Ana Carolina Abreu – Bem-vinda, Mariana Caroline.

**Mariana Caroline** – Olá, boa noite. Primeiramente, gostaria de saudar as nossas ancestras que nos permitem estar aqui e continuar sempre. Me chamo Mariana Caroline, estou vestida com um vestido de estampa de papagaio, um *japamala* que foi feito por Eliana Pataxó. Estou licenciando em Teatro, termino este semestre, sou pesquisadora, multiartista, fazedora de cordel, enfim, estou muito feliz de estar aqui, com o convite para estar participando com vocês. E vai minha pergunta pra você, Liu Pataxó. Vivemos em um país onde desvalorizam e matam os povos indígenas, essa luta os acompanha e as acompanha desde a invasão dos portugueses nas terras de Pindorama, onde com audácia, impuseram sua cultura, tentando descartar as culturas já existentes ali. Com isso, muitos estereótipos foram criados e infelizmente ainda são utilizados na Educação Básica. **Então, Liu, como é que foi pra você que é artista, professora de Teatro, pesquisadora e mulher indígena, dialogar com as e os estudantes a respeito da história e quais foram as primeiras perguntas que surgiram quando você contava pra essas pessoas que você pertencia à etnia Pataxó?**

Eliana Pataxó – Bom, eu vou começar a falar ainda pela UESB, porque esse choque teve, vamos dizer, um choque de aceitação mesmo, dos próprios colegas que não me viam como indígena, porque eu não carrego esses “traços” que eles esperavam encontrar. Porque na verdade, eu também estudei em escola pública e na época que eu estudava também era colocado o “índio” como ser selvagem, seminu que vivia de caça e pesca, isso eu também aprendi nas escolas. Na verdade, os povos indígenas, eles estavam na invisibilidade até para nós indígenas. Eu não cresci em aldeamento, eu cresci em uma cidade pertencente a aldeamento. Hoje em dia ela é afirmada como terra indígena. Tive esse período de negação da identidade devido a parte da família que veio do meu pai, ele teve que negar a identidade, pra sobreviver com a família. Na escola também aprendi que “índio” batia na boca e fazia “uuuu”, mas acontece que com o tempo, lá na década de 1980, quando veio o aldeamento, veio a mudança da Constituição e veio a busca dos indígenas que estavam morando na cidade pra ir pro aldeamento, foi quando meu pai disse não: “não vamos porque eu não quero passar fome, não quero deixar vocês passarem



fome”. Então, ele se negou a ir para a aldeia e ficamos na cidade. Eu penso que essa questão não é só minha, é de outros indígenas também, a própria negação, isso não é culpa nossa, é culpa da sociedade que já não via a gente como ser humano, achava que “índio” era bicho, que a gente era preguiçoso ou que “índio” era cachaceiro, então não só o, meu pai como muitos negaram. Além disso, tinha o lance do *bullying* né, que “índio” é preguiçoso, não vai ter trabalho. Então nós não tivemos essa noção de ser indígena desde criança, o que acontece é que quando fomos para Coroa Vermelha, já tinha mudado a luta e a questão indígena. Os indígenas já tinham mais voz, então meu pai falou: “eu sou índio também, então meus filhos também são”. Porque a história em Coroa Vermelha, começou com uma luta por território, por permanência, porque os povos indígenas Pataxó é um povo de resistência. Como você mesma disse, a nossa história de resistência começou com a entrada dos portugueses no Brasil, uma terra que já existia indígenas e permaneceram até hoje. Os povos indígenas nessas terras é resistência, então quando nós temos o direito de estar numa faculdade e ser uma das primeiras indígenas a entrar ali, eu percebi que aquele espaço também é meu, mesmo que eu tivesse que ver o olhar de negação pra mim, eu iria permanecer. Eu comecei no curso de Teatro a dar visibilidade pra minha cultura dentro da universidade e depois da universidade, dentro das escolas públicas e privadas, a usar o Teatro como uma ferramenta de visibilidade da cultura indígena, fazer o oposto do que os jesuítas fizeram com os indígenas. Eles roubaram, aproveitaram uma arte já existente entre os povos indígenas, que já eram carregados de arte, de dança, de música, de dramaturgia no corpo, de tudo isso. Quando eles usam a dramaturgia indígena para catequizá-los ou para destruir uma cultura, o que eu faço? Eu uso o Teatro para a educação, para ensinar a respeitar e a desconstruir esses pensamentos preconceituosos, essa imagem estereotipada que colocaram nas nossas cabeças desde a escola. Mostro que nós indígenas não somos selvagens, que nós temos capacidade como qualquer ser vivo, somos seres humanos como qualquer outro ali. Naquelas escolas eu comecei a receber nome de bruxa: “lá vem fazer bruxaria”. Quando eu pegava meu *maracá* e balançava no círculo, quando eu fazia um *auê* e quando eu cantava Pataxó (Pataxó muká mukaú), eu ouvia os alunos: “lá vem, vai começar a macumba, a feitiçaria, Deus é mais, sangue de Deus tem poder”, essas coisas né. E eu falava: “não, isso é cultura, isso



é tua história, é a minha história”. E quando eu começava através dos mitos a contar, narrar essas histórias, eles se interessavam e aos poucos através da arte, através do Teatro eu fui, de um certo modo, clareando as ideias desses alunos e de alguns professores nessas escolas que passei. Fui desconstruindo, porque é incrível que em pleno século XXI, os professores têm a capacidade de não mudar o contexto que foi implantado nos livros de história para hoje contar a história corretamente, eles não buscam. Então é preciso, nós indígenas, chegarmos dentro das escolas e contarmos como realmente somos, nós não somos como eles nos chamam, nós não somos selvagens. Para eu ser indígena eu não preciso ficar com a cara pintada ou com um cocar na cabeça, cultura é questão de aceitar e nascer dentro dela, de você resistir e persistir, então um dos maiores orgulhos pra mim era dar aula para alunos que não conheciam nada da cultura. Eu tive uma professora indígena e eu aprendi que o “índio” não é só o “índio” ele pode estudar, ser doutor, pode usar roupa normal, pode usar celular, é gente como a gente, e a única diferença é que ele carrega a cultura e a proteção da natureza. É algo ancestral, conta a história de quem já foi, nós somos a continuidade do que já foi, eu sou uma ancestralidade renascida, eu me vejo assim. Então eu sinto que a minha lição de vida, depois que eu me formei em Teatro é na educação voltada para não indígenas, porque é ali que eu percebi que a gente tem que desconstruir pensamentos preconceituosos. Para mim é importante estar falando com vocês, mesmo de longe, de outro país. Eu pensei: “puxa, aqui não se fala de indígenas”, e eu tive uma apresentação, eu recebi um convite da minha afilhada, a Letícia para apresentar com ela um Seminário no Centro Educacional Mediterrâneo, e nós falamos da nossa cultura, dos nossos ancestrais, dos primeiros do nosso país, e foi lindo apresentar aqui, cantar a oração em Atxôhã e perceber nos olhares deles o respeito por isso, foi uma apresentação muito bonita, então até aqui eu fui para a educação e isso para mim é rico demais.

**Ana Carolina Abreu - Onde você está agora Liu?**

**Eliana Pataxó** - Eu tô na Espanha, numa cidade chamada Benencase, província de Castellón. Vai fazer dois anos que estou aqui, cheguei aqui no olho do furacão da



pandemia, vim com o objetivo de estudar, mas até agora está fechado, não tem como, não tem possibilidade ainda de eu estar continuando meus estudos, mas futuramente pretendo sim fazer mestrado, já percebi que aqui tem uma faculdade de Arte e Cultura que eu posso pensar em fazer também.

**Ana Carolina Abreu - Obrigada, Liu. Eu vou puxar pra roda Fabrício Carvalho.**

**Fabrício Carvalho** - Vamos lá, boa noite. Eu estou muito emocionado, muito incrível. Então, sou Fabrício Carvalho, formado em Teatro pela UFT. **Vou fazer uma pergunta para o Edimar.** Edimar, sua monografia é de uma riqueza inestimável, percebemos diversas tochas acesas para a discussão sobre as identidades, desafios e conquistas dos povos indígenas, entre as muitas conquistas está a educação intercultural indígena, onde você expõe um pouco da sua trajetória, desde a infância na terra indígena Xerente, sua passagem pela escola indígena, até a sua graduação na UFT. **Você pode compartilhar quais desafios você teve durante a graduação e como o currículo acadêmico pode ser uma ferramenta de afirmação das identidades e das culturas dos alunos?**

**Edimar Xerente** - Boa noite, boa noite a todos e todas, é um prazer revê-los, principalmente os professores e professoras. Sou do povo Xerente no Tocantins, atualmente moro na aldeia, sou formado em Teatro, estou trabalhando como professor na escola indígena, então vamos lá. Vou começar agradecendo a pergunta e compartilhar aqui os desafios que foram tantos, mas quando ingressei na universidade o que encontrei de desafios foi a comunicação e a adaptação. Você vir de uma aldeia e entrar em uma universidade pela primeira vez é totalmente diferente. Tem que se adaptar aos colegas, aos professores e pra gente que é indígena é um pouco complicado porque ali em um primeiro momento, por causa da recepção, porque ingressei em 2012, eu fui o primeiro da minha etnia a entrar no curso e isso já impacta né. Minha história começou, eu lembro que nas primeiras semanas eu não me comunicava por estar aí no lugar pela primeira vez, com pessoas desconhecidas pra falar comigo. Acolher, isso foi difícil de acostumar e uma das questões foi a disciplina chamada Antropologia Cultural e Matrizes Populares da Amazônia. Naquele primeiro momento me desestabilizou porque eu me senti oprimido por estar na sala e nessa disciplina. A próxima questão é a de



identidade tanto da Amazônia como de Tocantins num geral, então a gente se apresentava na sala, no primeiro dia de aula e a professora perguntou se tinha indígena na sala de aula, eu levantei a mão e minha colega levantou a mão. A aula foi fluindo e a professora perguntou o que os colegas achavam dos indígenas e uns falavam “ah, eu acho que os povos indígenas andam pelado”, aí outro falava “exóticos” e “ah eu acho que indígenas aquilo, é isso” então pra mim como era minha primeira semana, eu praticamente fiquei oprimido, não sabia o que falar, não sabia o que fazer dentro da sala de aula. Foi aí que comecei né, sentei e conversei com a professora e ela falou comigo pra não me expor né, mas ser eu mesmo, encarar a realidade dentro da sala de aula e fora, me comunicar, falar da minha cultura, do valor que a cultura tem e foi aí que surgiu a ideia de trabalhar e voltar pra escola que eu vim. Ao mesmo tempo eu pensava “o que que eu vou fazer pra colocar na cabeça dos colegas que índio não é isso, que índio não anda mais pelado?”. Assim, a forma de trazer a nossa cultura pra dentro da universidade foi a ideia de fazer uma viagem, então a gente organizou para os colegas verem que a realidade na aldeia é diferente, por ter uma visão aqui da cidade, porque muitos veem como citei agorinha, tem uma visão do passado, e então fizemos essa viagem e deu tudo certo. Quando voltamos foi totalmente diferente né, os colegas compreenderam, tanto é que assim, nas minhas apresentações eu tentava ligar português e xerente e deu certo. Pra afirmar quem você é mesmo como acadêmico você vai enfrentar barreiras, ser você mesmo, falar da sua identidade e da sua cultura e você que é da aldeia trazendo o que seus ancestrais te proporcionaram e mostrar pra todos, não negar sua identidade, não é fácil. Num primeiro momento eu não neguei minha identidade, mas por causa da opressão eu não me defendi, pode-se dizer assim e essa disciplina pra mim foi importante porque abrangeu toda a minha ideia e no final deu tudo certo e eu consegui falar da minha cultura, consegui mostrar quem eu era e também consegui que meus colegas e meus professores todos conseguissem ver a minha pessoa. E assim, agradeço muitos aos meus professores que me ajudaram e me orientaram porque lá pelo quarto, quinto período, eu quase desisti, queria ir embora, pra mim acabou tudo porque eu entrei por cota, porque não fiz Direito, que é um curso que é bem-visto, aí eu falava “não, é o curso que eu escolhi, que estou gostando”. Nessa queda também tive que me sentar com a professora, que me orientou e me disse pra



não abaixar a cabeça, ficar firme. Aí eu pensei por que já era a fase principal também, no quinto período eram as disciplinas que me davam visões de como seria trabalhar na escola indígena, então eu fiquei feliz, falei pra mim mesmo que eu ia seguir e que aquele momento ruim pra mim já tinha acabado. Eu fiquei quase uma semana pensando se ia largar ou não e decidi voltar porque eu lembrava muito das crianças né e várias disciplinas que me proporcionaram muito o olhar pra trás e ver que desistir não era a melhor forma de trazer coisas boas para a comunidade indígena. O que eu tenho pra falar é isso, tenho que firmar, mostrar nossa identidade e a luta né, então é isso, valorizar.

**Fabício Carvalho** - Edimar, muito obrigado pela sua resposta, por compartilhar com a gente. Para continuar, na sua escrita você traz contribuições suas não só para o povo Xerente mas para as escolas indígenas em geral. Nesse mês de junho, exatamente no dia 10, nós completamos quatro anos da defesa do seu Trabalho de Conclusão de Curso então, compartilha com a gente como está a escola, a educação indígena nesses tempos tão difíceis.

**Edimar Xerente** - Então, vamos lá. A escola graças a Deus tá indo bem né, em bom estado, tanto física, a estrutura quanto a educação né. Nesse tempo tá assim, complicado porque tivemos que nos adaptar né, às aulas remotas e tivemos que acessar muito esse meio da tecnologia para que pudéssemos alcançar os alunos de alguma forma, trazer a educação e atender eles da melhor forma. Assim, é uma coisa muito nova pra nós porque a escola em si tem pouco acesso a essa tecnologia mas tem alguns aí que tem, principalmente nós aí da minha situação né, tivemos que adaptar muitos computadores para que os professores trabalhassem, respeitando todas as medidas de saúde e tivemos que fazer muitas adaptações no sentido de acolher os professores, porque como estão sendo muito rígidas as prevenções, a gente está fazendo um cronograma tanto da limpeza quanto da parte pedagógica, mas estamos alcançando, não todas as metas, porque não é 100%, porque é muito difícil, mas 80% dos alunos estamos alcançando.

**Ana Carolina Abreu** - Edimar, na escola indígena tem professores indígenas e



não-indígenas?

**Edimar Xerente** - Então, algumas tem e algumas não tem, por causa da distância né. Quando a escola é bem distante da cidade, muitos não vão por causa da distância, aí quando tem escolas que ficam a 15, 20 até 30 quilômetros da cidade, aí tem professores não-indígenas que atuam na reserva indígena. Eu tô como professor responsável mais na administração, na direção, só que eu tô sempre junto com o coordenador pedagógico e ajudando os professores.

**Ana Carolina Abreu** - Muito obrigada Edimar, vou puxar pra roda novamente a Mariana Caroline para a gente continuar com as perguntas.

**Mariana Caroline** - “Vou contar aqui em trova, um pouco de mim, de lá. Sem saber quem eu era, sem nunca me encontra, minha tia disse um dia: -Sá menina, senta cá...pra mode eu te contar um segredo de famia, qui pur medo de falar a muito se escondia: tu é índia Pataxó, parente de Barretá!”

**Eliana Pataxó** - “Assustada então fiquei. Mais perdida me senti. Com um aperto no peito, sem vontade de partir. Com os zói cheio d’água, meu vozinho a pressentir...”

**Mariana Caroline** - “A sina d’ minha vida que logo eu ia sentir, sardade dentro do peito, do lugar donde nasci. Mas logo descobriria o motivo de ‘star ali. Na terra de Vera Cruz, onde a nação se descobriu. O país dos papagaios, uma mistura que saiu do índio, branco, negro: brasileiro assim surgiu!”

**Eliana Pataxó** - “A cultura de um povo, pura miscigenação. Tem reisado, tem toré, tem culto, adoração, tem colheita e cultivo, canturia e diversão!”

**Mariana Caroline** - A minha pergunta, lendo a sua monografia me fez recordar muito meu processo de me afirmar com o peito cheio que eu sou uma mulher preta. Também proporcionou algumas lembranças sobre



espetáculos, especialmente o *Trovinhas e Naftalinas*, onde pudemos compartilhar em versos um pouco da nossa ancestralidade, sou muito grata por isso. **Conectarmos com nossos ancestris é algo que sempre conversamos em nossos encontros, não é mesmo?** Durante o processo cênico, como foi pra você trazer essas lembranças sobre sua história e transformá-las em versos e Teatro, como esse recitado agora por nós e escrito por você? Qual sentimento que ficou, que fica, quando você mulher indígena pisa em um palco e conta sua ancestralidade e uns causos para tantas pessoas?

**Eliana Pataxó** - Bom, tudo começou nesse processo lindo né, com a professora Maria Souza, mexendo no baú das nossas memórias. Mexer no baú é mexer na nossa ancestralidade, é mexer no que ficou lá atrás, mas que está presente aqui com a gente né. Então, quando fui convidada com as outras colegas que só eram mulheres para o grupo *Ciganas, Cigarras e Cirandas* e para o espetáculo *Trovinhas e Naftalinas* e falar do que guardávamos dentro da gente, porque fomos pra infância, fomos lá pro nosso baú revirar o que estava lá guardado e não esquecido, guardado. O que tá guardado nunca tá esquecido, basta dar uma mexida nele que ele vem à tona. Então, quando começou esse processo, eu voltei lá pra cidadezinha de Itajú do Colônia e aí me vieram memórias, lembranças do meu avozinho como cito aí no cordel, da minha tia Edna que entrava dentro da minha casa, era como se eu estivesse vendo ela com seu esposo, com uma lança na mão escrito *Pataxó Ha-há-hae* e ele carregava um cocar na cabeça. Aquela imagem dele entrando dentro da minha casa e eu olhava e pensava “gente ele é um índio” e eu não tinha aquele reconhecimento ainda de ser né, aquela mentalidade de entender que eu também pertencia àquela cultura. A minha tia saía da aldeia e entrava na minha casa na cidade e eu falava “gente, minha tia é índia” e ela falava “mas você também é” e quando minha tia disse um dia “tu é índia Pataxó, parente de Barretá”. Barretá é uma “personagem”, uma escola numa reserva indígena em Catarina Paraguaçu, na proximidade de Pau Brasil, tem uma sala que leva o nome dela, Barretá. Essa índia Barretá, essa anciã, eu lembro dela bem pequenininha, ela passava nas casas, ela morava nas proximidades no aldeamento, passava nas casas pedindo *miangue e manguete*, muitas vezes ela ia na casa da minha mãe pedir *miangue* que é comida em patchorrã. Ela era um desses livros antigos, velhos que carregava muito conhecimento sobre a língua pataxó, a língua patchorrã, a língua dos povos Pataxó.



Ela foi um desses livros que foram abertos enquanto viva na pesquisa da língua, da língua que estava perdida, perdida entre “aspas” porque ela estava guardada com essa senhora né, com essa anciã indígena. Então, ela também tá no cordel, esse processo de trazer a memória de volta, no processo de *Trovinhas*. Nossa, me levou a um túnel do tempo, me resgatou memórias que não estavam esquecidas, mas guardadas né. Quando eu saio de Itajú do Colônia e vou pra Coroa Vermelha, foi um encontro com a minha fortaleza de identidade, com os “primeiros”, porque sabemos que os “primeiros” foram os Tupinambá, os Tupiniquim e os Pataxó. Se os Pataxó não fossem resistentes naquela terra, aquela terra seria só da classe hoteleira. Os Tupinambá hoje têm a região de Ilhéus e outras regiões, mas os Pataxó estão ali resistindo. Quando eu falo “meu avozinho disse um dia que eu ia sentir saudade”, é que um dia eu ia entender o motivo de estar ali na terra de Vera Cruz que era o nome dado né, terra de Pindorama, terra dos Papagaios, Vera Cruz que é Santa Cruz Cabrália né. Então, ao construir, ao rememorar essas memórias do passado e transformar em um cordel, eu tive, eu tenho uma ligação muito grande com a natureza e com a minha força ancestral dos meus acós né, de uma força antepassada que eu não conhecia, mas no processo do curso do Teatro, no processo de trabalhar com esse processo de criação de *Trovinhas* vieram à tona muitas coisas boas, resgate ancestral mesmo. Inclusive o fato de minha mãe falar pra mim que eu tenho muito da minha avó. A minha avó foi minha indiazinha que foi pega no laço e tem essas histórias que não são ficção, foram reais. As nossas avós foram pegadas no laço, ela foi pega a força, foi violentada e muitos brasileiros são, como se diz, foram feitos a partir de uma violência e minha avó foi uma dessas. Minha mãe fala que eu tenho muito dela, então eu carrego essa força ancestral da minha avó materna e esse cordel fez esse processo de trazer minhas memórias. Pra mim foi muito rico porque só fortaleceu mais ainda a minha fortaleza de identidade feminina como mulher, quando eu subo no palco com esse grupo lindo né, *Ciganas, Cigarras e Cirandas* e faço o meu cordel girar ali, isso me dá cada vez mais força, é como se eu tivesse com todos eles ao meu redor. Quando eu pego o *maracá* e começo a cantar eu não estou só, eu sempre trago a força dos meus ancestrais comigo. Isso pra mim é grande, isso foi fantástico, eu agradeço muito essa mulher, Maria Souza, que mexeu no meu baú, me trouxe essas memórias tão lindas dos meus antepassados, do meu vô, da minha tia, da



minha terra, da saída dessa cidade que foi um resgate pra essa terra de descobrimento, é isso.

**lure Nascimento-** Então Maria, eu gostaria de saber como foi o processo de troca entre vocês, durante a orientação do Trabalho de Conclusão de Curso de Eliana.

**Maria Souza** - Meu nome é Maria, tenho perto de mim um presente que a Eliana me deu que é uma *maracá*, ela o fez com as escritas Pataxó, com enfeites que são bolas de madeira, penas e tem esse som, um carinho, um coração rítmico que a Eliana me presenteou. Então, tem uma coisa que eu acho bem especial falar nesse momento e pra estender assim as nossas influências, eu tenho aqui na nossa companhia, na nossa reunião, meu orientador, tanto do mestrado quanto do doutorado, e tem uma coisa importante que eu aprendi com o Daniel Marques que é deixar a pessoa encontrar o caminho dela, dar a liberdade. A liberdade em princípio é bem caótica porque a gente quer ser orientado no sentido de faz isso aqui, faz aquilo ali. A gente tem caminhos que realmente são facilitados pelo fato de estarmos no meio acadêmico mas não tinha como eu ser tão definitiva assim com as escolhas que a Eliana tinha no processo, então uma coisa que foi interessante é que com certeza tem vários trabalhos dos alunos que nos chamam a atenção, em função da potência do que tem ali e acho que de vários da turma e das turmas a gente gostaria de estar por perto, então não vou dizer que eu tive uma predileção, mas com certeza eu tinha afinidades com a Eliana, por vários movimentos. Nós nos encontramos e aí eu acho até interessante falar que a primeira coisa que me chamou atenção em Eliana, logo de imediato é, eu a conhecia como artista, conhecia como artesã, como mulher e aí conhecendo ela, sabendo dessa raiz indígena dela, eu senti uma série de potências, valores expressados na arte e nas escolhas dela. Então assim, a luta que ela vai empreender na pesquisa dela é um dos caminhos, porque ela também empreende na luta em arte, né, em arte com as histórias e culturas indígenas, então tem esses dois temas muito especiais. O meu contato com a cultura indígena tinha o imaginário meio comum. Mas eu tive contato na Umbanda né, então nesse caso é um outro lugar de se falar em cultura indígena. E uma coisa que eu acho que nos



uniu também, a mim e a Eliana, foi que eu aprendi alguns cânticos e esses cânticos são uma espécie de vibração mântica pra nos alinhar. Eu tenho acompanhado algumas coisas do Kaká Werá Jecupé. O Kaká é um feiticeiro, um pagé, ele faz mantras também desde a cultura indígena, no sentido de colocar o equilíbrio, a pessoa na terra para deixá-la mais leve. Então, quando eu estudava não tinha como eu não reconhecer a capacidade que a Eliana tinha e uma outra coisa linda foi o de traduzir para a ambiência acadêmica e reverter o processo histórico que ela mesma falou. Mas assim, se no início do Brasil colônia a gente tem essa invasão que toma os saberes indígenas pra fazer aquele teatro e doutrinar, ela usou o Teatro aqui em formato similar à essa raiz europeia para dizer, para contar a história dela e de muitos que fazem parte do seu campo de saber, do seu campo de conhecimento, então com certeza eu fui bastante tocada nesse ponto aí. Nesses itens, além da grande sabedoria que essa mulher tem de investigação, então junta tudo né.

**Mariana Caroline - Maria, como que foi pra você substituir Eliana em *Trovinhas*? Quais foram os aprendizados, as sensações e reflexões que você carregou e carrega na sua bagagem depois desse momento?**

**Maria Souza** - Eu vou explicar para quem talvez não conheça, *Trovinhas e Naftalinas* foi um espetáculo que surgiu depois da gente ter feito um projeto de extensão chamado *Teto Comunidade*, em que cada aluno foi orientado para a escrita de uma poesia em formato de sextilha né, uma sextilha de sete sílabas. Cada um escreveu e o motivo (assunto/tema), era sua própria história. Então, nesse projeto a gente fez apresentações e não tinha um fio que unisse as histórias, cada um trazia a sua coisa e a gente brincava no meio, depois disso, por iniciativa de minha companheira Mônica, nós complementamos essa experiência com cordéis meus e de Mônica, e criamos o coletivo e a partir daí ele se afirmou, ele já tinha práticas, mas ele se afirmou e fez o espetáculo *Trovinhas e Naftalinas*. Muitas vezes nós começávamos as apresentações com quatro pessoas atuando, as vezes com cinco, as vezes com três, e a gente se substituía e uma vez eu substituí Liu, que é o que Mariana Caroline chamou atenção aí. Eu cantei a escrita de Liu, só que eu começava dizendo: “uma comadre minha contava assim”, e aí eu fazia como



se fosse a Eliana, era um dos cordéis que eu sabia de memória, eu gosto muito da rítmica, ela escreveu, ela usou muito bem, né, esse elemento da cultura popular. Quando eu vou colocar os braços, sou vestida com uma gola assim, né, porque é para facilitar na hora de colocar o cocar, aquilo me deu um “arrupéio” e se eu tinha, digamos, afinidade com o tema, com a experiência, com a consideração, desse nosso passado tão presente que talvez não sustente na vida contemporânea que são essas ligações com a natureza, inclusive os indígenas fazem essa ponte né, nesse momento do espetáculo foi muito, sabe. Foi a macumba, né, pra dizer uma palavra, foi um saravá, foi um *auéré*, foi uma onda. Mas eu tô falando isso com uma experiência de artista que várias coisas no palco mexem com a gente, mas ali era uma coisa que também me pedia humildade, sabe? Recebi aquela vibração muito boa e depois já continuou o Teatro né. Acho que teve um chamamento muito especial para essa experiência, do que nos liga, do que está próximo a nós. Então, de qualquer forma, uma coisa que chamou atenção aqui é que na época a gente sempre fez essas trocas de “personagem” pra poder adequar à possibilidade de as atrizes estarem ou não em cena e a gente nunca tinha pensado nisso, de uma pessoa “se dizer” o outro. Mas esse cuidado a gente tinha, de tentar sempre mencionar: “ahh, é uma comadre minha”. As escritas eram originais, cada uma falando de si, então a gente tentava contemplar àquela que foi a autora do cordel e sua própria história. Então essa experiência foi muito forte, foi bonito e confirma cada vez mais, toda vez que a gente pensa nela. Esses dias eu assisti de novo a peça. A importância de falar como a Eliana comentou logo no começo né, de falar das mulheres de nossa família, das nossas mães, das nossas tias, ir recuperando essa força dentro de nós, porque ela está presente.

**Fabrcio Carvalho** - Dando sequência, eu gostaria de trazer um objetivo que o Edimar apresenta na escrita da monografia dele, o de aproximar a universidade e a comunidade. Como está hoje em dia na aldeia acontecendo a continuidade de sua pesquisa? E por fim, há um apoio do governo com a comunidade nesse tempo de pandemia?

**Edimar Xerente** - Temos um projeto com a UFT que se baseou nisso, de trazer um pouco da comunidade para a universidade e trazer um pouco da universidade para a aldeia. A comunidade, a escola em si, porque trabalhando com arte vejo que a



cultura está sempre presente no dia a dia da aldeia, tanto na dança, no canto e principalmente nas crianças. E esse projeto trouxe essa dimensão de ver a escola não com outro olhar, mas com a oportunidade de alcançar e trazer muitos alunos para esse projeto, participando dessa integração com a aldeia. A gente trabalhou muito, temos até livro feito junto com a comunidade trazendo inclusive as noções do Teatro para a aldeia, e a gente trabalhou bastante, a comunidade entendeu o trabalho. No dia a dia na escola os professores participaram bastante. E assim, quando eu comecei a falar no início a respeito do trazer, integrar a comunidade com a questão da universidade, isso surgiu no primeiro momento quando eu estava passando dificuldades. Isso no final da monografia foi realizado, trazer alguns pontos positivos da universidade para a comunidade e quando a gente saiu da universidade, sai pensando no futuro, em quem vai vir para a universidade, para essas pessoas não passarem o que passamos. E tivemos melhoras, muitas melhoras na recepção do aluno indígena. Só que sempre existe a transição, a dificuldade está em se manter na universidade, e respondendo à pergunta: nesse tempo, o projeto tem nos ajudado sim, de muitas formas na educação indígena, nesse livro mesmo que citei, na alimentação também, o apoio em si, eu falo só da UFT mesmo. Mas assim, de outros, como o governo em si, eu não tenho muito a falar pra vocês, porque não é que nesse tempo a comunidade está lá largada, a realidade está na aldeia, está no lugar, só a gente sabe o que passamos e o que estamos enfrentando nesse tempo de pandemia, tanto na questão da educação, da saúde, e outras demais faltas. Mas na questão de trazer mesmo, só tem essa questão do projeto né, que ampliou mais a visão da comunidade em participar mais da educação em si, e é isso.

**Fabrcio Carvalho - Obrigado Edimar. Gostaria de chamar para a roda a Karylleila e saber como foi o processo de orientação de sua pesquisa.**

**Karylleila Andrade** - Boa noite a todos e todas, eu sou Karylleila Andrade. Então, falar do Edimar é tudo de bom né, mas antes de falar do Edimar é bom situar as pessoas que não são da UFT quanto à política de cotas aqui na universidade. A política de cotas para os povos indígenas é de 2004, foi uma das primeiras universidades do Brasil a aprovar uma política de cotas, de entrada. É bom frisar



isso, porque o problema hoje não é a política de entrada, mas é a política de permanência, então isso realmente tem sido um problema muito difícil de lidar. Aqui no Tocantins nós temos uma população indígena que com todos os perrengues está crescendo demograficamente, hoje no Brasil a gente tem em torno, pelo menos nos dados do IBGE de 2010, de mais de 900 mil indígenas que se auto identificaram indígenas e cerca de 300 povos indígenas, mais de 200 línguas e naturalmente somos um país pluricultural. Acho que isso é um fato né, então só daí a gente precisa pensar numa universidade plural, diversa e pública de qualidade, mas só isso não garante, só o discurso não garante. Essa política de entrada na UFT, ela garantiu, como o próprio nome diz, a política de entrada né, então nós temos muitos alunos indígenas e muitos deles com uma história de vida parecida com a do Edimar. E eu acho que a gente precisa ter clareza de que há uma diferença, principalmente da entrada, do aluno que se auto identifica indígena e que tem a língua indígena, a língua materna como sua primeira língua. Eu acho que isso é um diferencial muito grande. O Edimar teve suas dificuldades, principalmente por ter a língua materna, o Akuem, que é como os Xerente se autodenominam. A gente tem aqui no Tocantins, povos Krahô, Xerente, Karajá, Javaé, Xambioá, e temos os Apinajé. Então a gente tem povos do tronco Macro-jê que é um tronco de línguas muito próximas e essas línguas estão concentradas mais no centro, centro norte do país e no Sul. Então a gente tem uma grande quantidade de povos indígenas do tronco Macro-jê. Na UFT, hoje, o grande dilema de uma política para os povos, para os alunos indígenas é de fato a permanência. Ainda mais agora que os recursos destinados do governo federal para os alunos de uma forma geral e os alunos vulneráveis vêm sofrendo com os cortes, todos os anos, cortes e ameaças. Então de fato hoje, a dificuldade desse aluno não é entrar, já é uma dificuldade, mas a dificuldade em si não é uma dificuldade de entrada, ela foi facilitada obviamente pelas políticas afirmativas, então houve de fato um avanço com as políticas afirmativas, as políticas de inclusão. O problema não é incluir, o problema é permanecer, e a gente tem grande evasão e desistência. E de fato, o Edimar como bem colocou, ele teve realmente muitas dificuldades. E olha que ele não falou aqui tudo o que ele viveu no primeiro período, realmente foram muitas dificuldades, né Edimar?! De dormir na universidade, de não ter para onde ir, de ficar com a mesma roupa, então ele sofreu muito e o porto seguro



passa a ser a comunidade, a comunidade é que é o calor, o que aquece, o que dá vida. A evasão está no curso de Teatro, no curso de Filosofia, em todos os cursos da universidade. Então para uma política de permanência é preciso que todas as universidades do Brasil de fato repensem uma política de permanência e hoje cada vez mais a dificuldade é fazer com que esse aluno permaneça. Um aluno que desiste da universidade porque ele não tem condições de se alimentar, condições de transporte, condições de moradia, condições até mesmo de apoio psicológico, porque o choque cultural é muito grande, principalmente para aquele aluno aldeado que tem pouco contato, por exemplo, com a segunda língua, no caso, a língua portuguesa, com o desenvolvimento dessa habilidade, da leitura e da escrita, e isso passa a ser um problema muito sério para os alunos. E a gente tem aqui estudos na UFT, principalmente com os alunos de algumas áreas, as áreas das exatas, por exemplo. Isso não é um problema dos alunos indígenas, é um problema que as vezes não está no aluno, está no professor de reconhecer, por exemplo, a diversidade social, a diversidade linguística e a diversidade cultural. Hoje a gente tem que pensar que as vezes é muito fácil colocar a culpa no aluno e dizer que o aluno não sabe, que o aluno não entende, e as vezes o que a gente percebe são professores doutores que não têm um mínimo de respeito com a diversidade. Isso não é nada novo, por exemplo, que a gente tenha professores na área de medicina que dizem claramente e defendem que o aluno indígena tem menos capacidade cognitiva de estar num curso de medicina. Isso a gente vê, ouve e se arrepia. Você ouve determinados estigmas dos próprios professores, e aí a gente pensa: e os alunos né, como ficam os alunos? De qualquer forma, eu acho que, estendendo isso além dos muros da universidade é o debate, a gente precisa é do debate, é necessário. Então, quando eu conversava com o Edimar eu dizia: “olha, você precisa se portar com a sua língua. Se você tem dificuldades com a língua portuguesa, é porque você tem dificuldades com a segunda língua”. Eu, por exemplo, quando nós fomos à comunidade Riozinho, ficamos uma tarde aprendendo o Akuem. E aí a gente percebe que não é assim né, é uma língua, com toda sua estrutura, que tem toda a sua complexidade. Sentar-se na cadeira e os alunos e professores indígenas ensinarem pra gente o Akuem foi uma experiência magnífica. E aí a gente percebe que teria que viver um bom tempo na comunidade para aprender bem né. Em alguns momentos eu dizia: “olha, vamos imaginar um



alemão, um americano, um inglês aqui que não sabe português, como seria o nosso comportamento com um aluno que veio lá da Alemanha, que veio lá da Inglaterra, que veio estudar Teatro aqui com vocês? Qual seria o comportamento? Como é que vocês enxergam?”. E aí claramente a gente percebe um comportamento eurocêntrico, etnocêntrico. Eu acho que o movimento é o diálogo permanente, deslocar os alunos para a comunidade foi antes de tudo um movimento de ruptura. Você precisa olhar para além das janelas da universidade e quando a gente vai com o pezinho no chão e vê e sente a terra, esse outro momento, esse outro movimento, essa outra vida que não é a nossa vida, mas é a vida do outro, a gente conhece o outro a partir do outro. E é aí que a gente tem rupturas. Eu acho que isso é necessário. E aí que eu falava para o Edimar que aprendemos muito, foi o primeiro TCC a ser (e aí isso foi uma ideia dele) defendido na comunidade indígena, no caso de Edimar, na comunidade Xerente, na aldeia Riozinho. Foi uma experiência fantástica, toda a comunidade parou para assistir, uma parte do texto foi em Akuem, então mobilizou a todos. Todos estavam ali, todos os professores, então foi uma experiência fantástica. Aqui na UFT, tanto no mestrado e no doutorado onde eu trabalho, a depender da situação, dependendo da disponibilidade, os trabalhos voltados para a temática indígena são defendidos nas comunidades indígenas. E eu acho que assim, ter provocado o Edimar na quebra do seu silenciamento, porque ele se auto silenciava, e não só esse auto silenciamento, a partir do outro também que não conseguia perceber esse sujeito, que tinha uma cultura diferente, uma língua diferente, uma visão de mundo diferente e que o mais importante daquilo seriam as trocas, que são fundamentais na vida de qualquer ser humano. Eu mais provoquei o Edimar, eu lembro quando nós estávamos na escrita do texto, eu me lembro que chegou um dia e eu dei vários textos para ele ler, ele leu, e trouxe um texto, e aí eu olhei e disse: “cadê o Edimar? Cadê o Edimar, eu não estou enxergando o Edimar”. Isso aqui fulano disse, isso aqui ciclano disse em uma visão colonizadora, e aí eu percebi que o Edimar caminhava para uma visão colonizadora, e aí eu disse: “espera aí, vamos aquietar aqui a nossa mente, eu queria que você voltasse e você enxergasse isso a partir da sua visão de mundo, esquece todo esse povo aqui”. E eu acho que foi aí que o texto começou a fluir, foi aí que o Edimar começou a fluir em relação a essa escrita, e ele começou a se empoderar. Quando a gente percebeu, ele estava



grande e hoje quando a gente olha para as políticas públicas, eu percebo no Edimar aquilo que se confirma quando você tem oportunidade, então essa oportunidade de você entrar na universidade, com todos os desafios, com todos os problemas que ele enfrentou, e não foram poucos, foram muitos, ele se empoderou, tanto é que ele volta para a comunidade e nessa comunidade você percebe mudanças, mudanças no seu entorno, você provoca mudanças. E aí nós tivemos a ideia de pensar em um projeto, passou por um projeto de doutoramento, agora de pós-doutoramento também, que é a produção de materiais didáticos, mas não a partir de uma visão colonizadora, mas sim, a partir de uma visão descolonizadora. E aí, nós da universidade e o Edimar que é egresso, a gente começa a pensar o seguinte, que nós podemos apenas ser indutores. Então a gente vai lá, a gente provoca, começa, digamos assim, a balançar um pouco algumas questões mais pragmáticas de estrutura mesmo do projeto pedagógico, mas os atores são eles né, os responsáveis são eles. Então a gente orienta, nós somos muito mais os facilitadores, e aí as rodas de conversa foram fundamentais. A gente percebe que os materiais didáticos que os professores e alunos produziram são méritos deles, não tenho dúvida. Nós começamos a organizar, porque a lógica do tempo e a lógica do espaço também são diferentes, nós temos uma lógica temporal, uma lógica espacial, digamos assim, mais capitalista, mais mercantilista, mais pragmática, mais cartesiana, e quando você vai pra comunidade você tem que dar um clique, aqui é um outro tempo, é um outro espaço, é uma outra cultura, então isso tem um movimento também de desconstrução, e eu acho que é um grande ganho pra gente, eu sempre digo: “eu ganho mais quando eu vou, do que quando eu penso que eles estão ganhando”. Somos nós que estamos ganhando e nós que estamos nos modificando. Então, assim, foi uma experiência fantástica, não tenho dúvidas desse empoderamento do Edimar e a mudança na comunidade é perceptível e a gente quer continuar junto com eles trabalhando. A professora Adriana está trabalhando a questão das músicas, a transcrição das partituras. A Adriana está aqui? Ô Adriana, que coisa boa, estou falando de você, né? Então o trabalho da Adriana é um trabalho que infelizmente não será feito da forma como nós pensamos que seria uma pesquisa dentro da comunidade junto com os professores, estendendo isso para os mitos, para os cantos, enfim, então a gente tem aí uma trajetória grande. O curso de Teatro tem muito a colaborar, e em



muitas áreas, não só nas disciplinas de artes, mas em todas as áreas. Então esse é nosso desejo, que a Comunidade Riozinho continue nos recebendo. É importante dizer, que é uma comunidade invisível, porque nós temos no Tocantins as comunidades tanto tradicionais remanescentes e quilombolas quanto as comunidades indígenas, aquelas que a gente chama de visíveis e invisíveis. Então a gente tem aquelas comunidades que o poder público dá uma atenção, maior visibilidade. Então é aquela que o governo quando quer levar alguém, leva para aquela comunidade, então ela tem mais assistência. Quando a gente pensa em assistência, é assistência à saúde, assistência à moradia, política pública na educação. E a comunidade Riozinho é uma comunidade que fica distante, ela fica um pouco à margem dessa visibilidade. É uma comunidade que não está tão próxima da capital como outras comunidades, então essa invisibilidade faz com que essa comunidade tenha mais dificuldades. As vezes a assistência do poder público demora a chegar, e isso faz com que o trabalho do Edimar, agora na direção da escola, se torne ainda mais importante. Acho que esse empoderamento dele modificou as práticas, não só as práticas voltadas ao ensino das artes, mas a prática pedagógica da escola. E dizer que é muito legal que as crianças estão muito orgulhosas do Edimar e isso é uma satisfação muito grande. O sonho de entrar na universidade, de se ver modificado, de modificar o seu entorno. A gente percebe que o Edimar passou a ser uma referência e isso faz também com que ele tenha mais responsabilidade. Então é isso pessoal, é isso, obrigado.

**Ana Carolina Abreu - Obrigada Karylleila! Agora eu acho que ainda dá tempo né Juliano, do público fazer perguntas.**

Juliano Sampaio - Eu anotei as perguntas que foram aparecendo. A primeira é da Joana Abreu, professora da Universidade de Goiás (UFG), ela fez uma pergunta direcionada pra Liu, e eu tô redirecionando também para o Edimar, sobre os currículos do curso de Teatro estarem majoritariamente voltados para uma perspectiva eurocêntrica e colonizada. O Edimar e a Karylleila falaram bastante sobre isso no processo, a Liu até exemplificou sobre o tema, mas acho legal a gente falar um pouco mais sobre isso, como é essa experiência. Acho que dá para ir um passo adiante que é dizer como vocês que já passaram pelo curso veem a diferença, porque o curso mudou também com a presença de vocês, me parece nos dois casos né?! Então isso é legal a gente entender o que mudou.



**Eliana Pataxó** - Então, a grade curricular do curso de Teatro quando eu entrei, realmente eu percebi que não tinha nada voltado para a cultura indígena, isso estava claro. A única disciplina que ainda se ouvia falar era a de Antropologia, tanto que eu participei de um seminário com a professora Sônia Matos que dava a aula de Antropologia, creio que foi no primeiro semestre ou no segundo, não me recordo bem. Eu participei e outras colegas, a partir dali eu também percebi que a arte já existe nos povos indígenas, era algo que eu poderia estar levando para dentro da disciplina no meu contexto indígena, no meu conceito de vivência e de história. Poxa, eu estou no curso de Teatro, eu vejo a minha cultura muito rica em artes, então por que não levar um pouco dessa riqueza artística e cultural para dentro das disciplinas? Então quando eu percebi, quando o meu professor cantava em círculo e balançava o *maracá* e cantava os mantras pra mim, foi uma força muito grande, logo nos primeiros dias eu fui recebida com um canto indígena e eu confesso que no começo eu mesma tive um pouco de rejeição, eu falei assim: “eu vou ficar no meu canto, eu não vou aparecer muito, eu vou ficar quietinha porque aqui a coisa é diferente”. Mas é aquela questão, ou eu me assumia ou eu pulava fora, então a partir do momento em que criávamos textos dramáticos, dramaturgias, quando se falava da história da arte, eu sempre buscava alguma referência na cultura indígena. Eu acho que isso fez com que o curso pensasse em algo voltado para esses novos que estavam chegando, porque o currículo, a grade curricular da UESB, eu não falo nem só no curso de Teatro, mas na Pedagogia e outros, não se falava muito sobre as histórias e culturas indígenas, creio que por agora já deve ter mudado um pouco né, creio que sim, porque nós temos vários indígenas da etnia Atikum e Pankará também lá dentro da UESB em cursos de Odontologia, Farmácia, creio que agora já deve ter mudado um pouco. Acredito que essa chegada da minha pessoa como indígena, trouxe sim uma mudança na UESB e na grade curricular. Pra mim é fantástico estar sendo convidada pela professora Ana Carolina Abreu do curso de Teatro.

**Edimar Xerente** - Então, sobre a grade curricular pra mim foi totalmente diferente, no sentido da dificuldade, porque quando eu entrei eu não fazia ideia do que ia



enfrentar nas disciplinas, tanto é que eu fui aprendendo aos poucos, o primeiro, o segundo período, foram muito difíceis. Era como se fosse em branco mesmo e como citei o que me tocou foi a disciplina de Antropologia e Matrizes Culturais da Amazônia. Quando eu falei que queria desistir, foi porque eu não compreendia as disciplinas, eu pensava: “eu não vou dar conta de seguir com as disciplinas”, então veio à tona o desistir ou o ficar, mas quando os professores me acolheram, me ajudaram a entender a cultura e a disciplina, é como a colega falou, foi com a ajuda dos professores. Eu comecei a dançar nas disciplinas, eu comecei a falar mais, eu perdi a vergonha de me apresentar, porque como você falou, são currículos variados né, e no campo das apresentações cênicas eu tentava entender, porque eu já não falava muito, então pra eu estar lá na frente eu tinha que falar para mim mesmo “tem que deixar a vergonha, o medo de lado”, tanto que quando os colegas falavam: “daqui pra frente só vai ter disciplina de Teatro”, então aí eu pensei que não ia dar conta de falar e apresentar ao mesmo tempo e dançar, mas quando eu falei para mim mesmo que eu ia seguir né, eu perdi o medo. Os professores e professoras de muitas formas me ajudaram a manter o ritmo, tanto na dança, como na fala, me incentivaram a não ter medo, a não ter vergonha. Como a colega falou, temos a nossa cultura né e os professores me proporcionaram vários modos de apresentar, por exemplo, eu me apresentava pintado, com o cocar, assim eu me sentia mais tranquilo. Uma vez eu apresentei na língua Akuem e minha colega traduziu pra mim. Então todos foram me acolhendo, eu me sentia tranquilo, eu senti que os colegas compreendiam minha dificuldade e os professores também. Mas no começo eu não entendia os conteúdos, as metodologias das disciplinas e ficava mesmo perdido, mas a partir do terceiro, quarto semestre, aos poucos fui perdendo o medo e seguindo até o final do curso.

**Ana Carolina Abreu** - Eu tive a honra de ter a participação especial do Edimar em uma das minhas aulas, quando eu fui professora substituta na UFT. O grupo do Fabrício, que está aqui fazendo perguntas para o Edimar, o convidou para estar em uma das aulas. Tratava-se da criação de planos de aula voltadas para as histórias e culturas indígenas dos povos do Tocantins. A equipe fez um recorte nas corridas de tora e o que elas poderiam revelar sobre a cultura e a atual luta social



Xerente. A equipe do Fabrício mediu um jogo de aquecimento criado por eles onde o nosso corpo deveria imaginar e expressar o peso de diferentes toras. Depois realizaram uma corrida em duplas, onde a tora seria o corpo do colega, nos revezamos brincando e carregando estes corpos-tora. Na sequência o grupo chamou o Edimar para falar sobre os exercícios e sobre a importância e os significados da corrida de tora entre os Xerente. A primeira coisa que ele fez foi dizer: “vamos para fora da sala”. Aquela ação nos deixou arrepiados. Fomos para fora da sala, Edimar ficou procurando uma tora, achou um pedaço de madeira e improvisou com ele. Sem dizer nada, emanando um cântico realizou os movimentos com o seu corpo e nós o seguimos com os nossos corpos. Depois, sentindo as ressonâncias daquela experiência, voltamos para a sala e conversamos. Foi muito importante vivenciar essa troca, nos movimentar e ouvir seus conhecimentos, suas experiências Edimar, muito obrigada!

**Juliano Sampaio** - Bom, acho que é importante essa coisa do currículo e da ação né, como essas duas, que são na verdade estruturas que a universidade mantém, porque ela se organiza como uma estrutura hoje né, ela perdeu a característica de ação, que vai se descobrindo no fazer, enfim, virou uma estrutura que você segue, como uma receita pronta. Acho importante pensar não só que o currículo engessou, mas como é possível tornar o currículo acessível às pessoas, aos estudantes, às estudantes que estão ali. Eu digo isso, por exemplo, porque eu trabalhei com o Edimar na graduação, no quarto semestre. A gente estava com uma disciplina de estudos corporais, recebia um outro nome, mas era isso, e toda a ideia de presença que o teatro ocidental fica quebrando a cabeça para ver como é que constrói, bastava ele entrar na sala que estava ali a presença inteira, e não adiantava chegar para os estudantes e dizer: “olhem para o Edimar, ele é a noção de presença que a gente tá estudando ali”, porque é uma experiência de vida, e para ele não adiantava muito, porque a presença que ele tem, não é a presença que a gente busca, a forma é que se encontra entre o que a gente busca e o que ele apresenta, são caminhos muito diferentes para isso. Então acho que o currículo exige que eu apresente uma série de coisas, mas ele também se tornou uma ação estruturada, que a gente não consegue mais, que algumas pessoas sequer olhem



para isso, infelizmente. Elas acham que as aulas estão muito bem resolvidas e que se elas só trocarem o tema, ou seja, entrou tema, entrou conteúdo, entrou a forma, entrou alguma coisa que fale sobre indígena, e tá resolvido, não está resolvido, na verdade tá camuflado, o que é mais perigoso, porque serve a um discurso político que pode dizer: não, mas está acontecendo, nós garantimos nos currículos tantas horas relacionadas à, e aí a universidade vai lá e descreve que ela tá cumprindo as tantas horas. A Karylleila disse que tem uma política de ingresso, mas e aí, entrou faz o que? Então as vezes uma série de coisas que a gente também, na própria militância e em todos os aspectos dela, não percebe que a gente constrói discursos perigosos para quem não tá com boas intenções em relação aos temas que a gente tá trabalhando, mesmo que pra gente sejam essenciais e muito importantes né. Essa inversão que surge de uma ideia da Ana Carolina, a partir do dossiê que a gente lançou na revista, para a realização deste seminário pra mim é fundamental, quer dizer, que as nossas curiosidades também possam ser sanadas pelas próprias pessoas e não por alguém que está falando em nome das pessoas, quaisquer que sejam elas. E aí, pra encerrar essa rodada de perguntas, pelo nosso horário, eu queria saber de você Eliana e do Edimar, o que que a gente precisa ouvir de vocês sobre ensino de Teatro, que a gente ainda não ouviu.

**Eliana Pataxó** - Eu penso que os professores de Teatro, do ensino de Teatro, deveriam conhecer, quem não conhece, conhecer um pouco da presença da cultura indígena dentro das aldeias. Eu creio que vocês aprenderiam muito sobre arte, sobre teatro, mais do que vocês já sabem. Como eu venho dizendo, os povos indígenas carregam uma arte, eu vou dizer, completa, se você observar um ritual, ali tem uma dança dramática, ali tem uma história contada no corpo, ali tem a vestimenta, a indumentária dos indígenas que carregam os seus sinais, os seus símbolos, a sua maquiagem no corpo, que são os seus traços referentes a sua cultura, a sua afirmação. Então se vocês fazem uma visita dentro de uma aldeia e vão pra dentro de um auê ou de um toré, vocês vão sentir na alma, no corpo, essa força maior pra pensar como trabalhar a cultura indígena ou qualquer outra cultura dentro das disciplinas de Teatro, eu acho que até pra pensar como montar a grade curricular, algo diferente realmente sobre a temática indígena, vivenciada dentro



de vocês, eu acho que isso seria muito importante. Como eu penso na educação, nas escolas não indígenas, como trabalhar as histórias e culturas indígenas também para eles isso ser importante, não só no curso de Teatro, mas também em outros cursos. Sentir, viver, pisar naquela terra, ouvir os mais velhos, os livros abertos, eu acho que vocês ajudariam muito ao trazer à tona, ao vivenciar isso dentro do curso de Teatro, isso seria muito bom, é isso.

**Edimar Xerente** - Então, só para complementar a fala, foi muito importante o que ela falou. Na universidade os professores em si, tinham que ter essa troca. Os professores que vivenciam alguns momentos na comunidade já devem ter sentido esses movimentos da dança, da cultura, da pintura, dos cânticos e isso se torna muito importante para nós, enquanto indígenas. E essa troca de experiência você vê o valor da cultura indígena que em muitos aspectos se inserem na arte, tanto nos artesanatos, tem muitos artesanatos e diversos modos de fazer, como o tanque de buriti, de capim dourado, de pau-Brasil. E é como ela falou, acho que a universidade deveria ver isso né, ver o lado do indígena pra trazer essa experiência pra dentro da universidade, e a partir disso ganhar vida dentro da universidade. E é como vocês falaram agora, isso seria como se fosse um espelho pra mim, porque a todo momento quando me propuseram a fazer as coisas nas disciplinas, eu tentava me descobrir, tentava descobrir meu corpo, eu mesmo né, a disciplina e eu. Então, eu tentava ao máximo permanecer na disciplina, tentando seguir, mas é isso, a colega aí falou tudo e a minha fala é só isso mesmo.

**Juliano Sampaio** - Muito obrigado, agradeço muito, muito mesmo a fala de vocês. Ana Carolina, pode encaminhar para os encerramentos.

**Ana Carolina Abreu** - Infelizmente é hora da gente se despedir. Como eu falei no começo, o nosso desejo com esse encontro é que a gente possa ser ponte, partilha, para que este seja um espaço de celebração e provocação. Que a gente saia daqui voando, vagalumeando nossas danças erráticas e errantes, descolonizando não apenas os nossos pensamentos, mas nossos movimentos, corpos e a língua com que nomeamos o mundo. Que as nossas micropolíticas,



nossos lampejos arruaceiros façam presença nas disciplinas que mediamos e nas nossas relações arte-vida. Subversivos que a gente continue remexendo os lugares por onde passamos. Agradeço a todas, todos e todes, vou enviar para vocês, as monografias de Eliana e de Edimar e abro espaço agora para os recadinhos finais.

**Eliana Pataxó** - Eu quero deixar meu grande auê e meu grande obrigado a todos, *auê patxôhã*. Agradeço o convite, foi maravilhoso estar com vocês, encontrar vocês, rever vocês, falar da cultura indígena, falar do processo de criação do meu TCC e do espetáculo *Trovinhas*. Mesmo estando longe de casa, mesmo passando pela dificuldade que for, não tem país igual ao Brasil, não tem. Eu amo demais a minha terra, as minhas raízes, estou aqui para aprender também com outras culturas e valorizar ainda mais as minhas raízes, e sou grata por vocês, pelas raízes e por lembrarem da minha, muito obrigada Maria, Ana Carolina, Juliano, Daniel Marques, a todos vocês, Edimar Xerente estamos juntos, longe, mas a nossa força é uma só, muito obrigada a todos. *Aué*.

**Edimar Xerente** - Obrigado você, quero agradecer também a Ana Carolina, ao professor Juliano, foi bom compartilhar o que a gente passou né. Espero poder ter contribuído, em especial quero agradecer a minha orientadora, sempre agradeço a ela, pois ela aceitou o desafio enorme comigo e lutou muito e sempre falo pra ela que foi muito bom trabalhar com ela e ter essa experiência e principalmente por ela ter me ajudado imensamente e incansavelmente e é isso né, estamos na luta, resistiremos. Vamos trazer essas questões das culturas, das identidades, das vivências diárias da comunidade. Estaremos por aí, agradeço a todos os participantes. É isso, muito obrigado.

**Juliano Sampaio** - Tenho pensado cada vez mais, o que eu entendo como ensino e para que serve isso. E uma das coisas que me movimenta atualmente é pensar que, ensinar é devolver a pessoa para ela mesma e em tudo que isso significa e na medida em que a gente ensina, a gente é ensinado, e, portanto, eu também vou sendo devolvido para mim mesmo na medida em que ensino. Então, acho que encontros como o de hoje, quando eu ouço você dizendo coisas como “eu precisei



me entender como eu sou na minha graduação”, o Edimar falando “eu preciso me firmar na minha cultura pra continuar nesse curso”, é quase como um gozo mesmo, de falar caramba, parece que faz sentido o que eu tô pensando, porque para as pessoas, nesse momento mais importante é o que fez sentido, então eu também fico bem feliz de poder ouvir vocês e reverberar em mim outros caminhos que não é o caminho de uma pessoa indígena, mas é o caminho de uma pessoa que está cruzando com outras pessoas o tempo inteiro e pensando isso. Eu sou muito grato por esse momento, por conseguir de alguma forma usar os privilégios que a gente tem para abrir caminhos, dos mais diversos que a gente possa, e que a gente faça isso cada vez mais. Então, muito obrigado mesmo.

**Maria Souza** - Eu também quero agradecer. Eu quero só dizer que eu vejo cada vez mais que diálogo é luta e que conhecimento é luta, que não se faz política sem conhecimento e sem diálogo, e isso foi pleno hoje e eu tô muito feliz, muito feliz.

**Fabrcio Carvalho** - Muito muito obrigado, eu falei para a Ana Carolina desde o convite o quanto eu estava agraciado mesmo com essa participação, muito obrigado Edimar e Liu. Muito obrigado pela contribuição, pela participação e legal o Juliano ter mencionado isso, eu acredito que eu fui devolvido a uma parte de mim agora com as vivências na graduação e a partir de agora também, desse momento, então sou muito grato e vamos continuar, vamos perseguir esses objetivos. Obrigado a todos e um beijão.

**Iure Nascimento** - Então eu quero agradecer a todos os professores, quero agradecer principalmente o convite de Ana Carolina. Foi um dia muito especial para mim essa noite, essa partilha, esse encontro, essas encruzilhadas, esses saberes e fica meu agradecimento também para a Edimar e para Liu, foi um prazer ler seu TCC, tão poético e tão sensível, gratidão.

**Mariana Caroline** - Eu sou muito grata desde o convite de Ana Carolina. Quando ela explicou, eu achei incrível, e achei mais incrível ainda falar de alguém que faz parte assim da minha caminhada, como pessoa e como estudante de



licenciatura e como artista, que é Liu. Muito obrigada, foi muito potente e necessário fazer essa leitura. Foi muito necessário estarmos aqui hoje em meio a tantas turbulências, tantos problemas que nós passamos e que outras pessoas passam, estar aqui foi uma honra, eu agradeço muito. Quanto mais a gente compartilha mais a gente aprende. Muito obrigada.

**Ana Carolina Abreu - Muito obrigada!!!**

Recebido em: 15/01/2022

Aprovado em: 30/01/2022